

O Vendedor de Passados

José Eduardo Agualusa

O autor

Agualusa é um escritor que persegue seu sobrenome como um cão que morde o próprio rabo. O sobrenome de José Eduardo, Agualusa, é poético e sugere, impresso na capa de *O Vendedor de Passados* o tema da memória, “uma mentira” tão necessária à identidade de seus conterrâneos angolanos – e a nós todos, independentemente de nacionalidades. O romance, publicado em 2004, é uma imensa sátira política e social da Angola atual.

José Eduardo Agualusa, um dos mais importantes escritores africanos da última década, nasceu em 1960 na cidade de Huambo, em Angola. Estudou agronomia e silvicultura, em Lisboa, Portugal, mas a sedução pelas letras crescia em seu interior e depressa se dedicou ao jornalismo e a escrita. Sua família é portuguesa pelo lado paterno e brasileira pelo lado materno. Casado, pai de dois filhos, seus livros são sucesso de vendas na língua de origem e são traduzidos em diversos idiomas. É romancista, contista, poeta e jornalista e divide seu tempo entre Luanda, Lisboa e viagens ao Brasil. Conhece como ninguém a realidade angolana, a da guerra e a do pós-guerra, as intermináveis lutas e abusos de poder, a luta diária de um povo pelos seus direitos básicos, a miséria desse povo enquanto a riqueza do país está a saque e nas mãos de largas dúzias de governantes corruptos. É esta realidade que ele nos traz em alguns dos seus livros.

José Eduardo Agualusa virou um escritor em moda no Brasil. O visual de galã de novela e principalmente os romances leves e povoados de aventuras contribui para o seu sucesso.

Mas, certamente, não é essa a sua maior qualidade. A sua riqueza como escritor está mesmo no seu jeito de contar as histórias, prenhes de sentidos e de imagens que faz dele, um dos mais prolíferos escritores da língua portuguesa.

Nos textos de Agualusa as palavras ganham vida. Ora assombam, ora seduzem, ora surpreendem. Um estilo que nos conquista em cada um dos seus livros, quer seja romance, conto, novelas ou crônicas. Estilos que, por si só, são sinônimo de um escritor multifacetado que não se prende nas margens de um único estilo literário. Os deslocamen-

tos (Brasil, Angola, Portugal) lhe propiciaram desenvolver um molde peculiar de escrever, que mistura brasileiroismos e a gíria urbana de Luanda de forma enxuta e clara.

A característica mais marcante de sua literatura é a fusão de referências de países de língua portuguesa, fazendo um entrelaçamento cultural coerente com a idéia da lusofonia, a união dos povos através da língua em comum.

Agualusa esteve várias vezes no Brasil, já morou em Olinda e fez dezenas de entrevistas em favelas cariocas para criar a história de *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* (2002). Portugal também é fonte permanente de seus livros, tendo partido de Eça de Queiroz para escrever seu romance mais conhecido, *Nação Crioula* (1998).

A Afirmação Crioula

Se existe uma palavra que possa caracterizar a obra e a personalidade de José Eduardo Agualusa, essa palavra é sem dúvida a palavra crioulo: crioulo é, para Agualusa, uma afirmação de raízes que contém em si todo um projeto de futuro, de possibilidade de afirmação de valores culturais angolanos e das culturas africanas e colonizadas em geral. Um valor, não da afirmação da negritude, mas da miscigenação, não apenas rácica, mas, sobretudo, cultural.

Agualusa é, ele próprio, o exemplo por excelência do crioulo: com ascendência angolana, portuguesa, brasileira e, mesmo dentro de Angola, com raízes em diferentes regiões, está, de fato, tão em casa em Lisboa como em Luanda ou no Pantanal do Brasil. Do mesmo modo, a sua escrita está tão à vontade com a inovação semântica e estilística que as literaturas africanas têm imprimido à língua portuguesa.

O livro

Em *O Vendedor de Passados*, Agualusa conta a história de Félix Ventura, um albino que tem como profissão inventar passados gloriosos aos seus clientes.

Em um enredo que mistura "antigamentes" fictícios com realidades não menos verossímeis, o leitor acompanha o drama de uma osga que convive dramaticamente com as lembranças da sua encarnação humana, a insistência de um homem em perseguir e validar o passado comprado, e a agitação constante, mas sutil, de uma Luanda habitada por valas de lixo, por loucos e por elites que o são por engano.

Uma idéia perigosamente interessante, extravagante, misteriosa, que mistura as metáforas e analogias com o Mundo Natural.

Povoado de personagens pitorescos como a osga, um assombro, sempre atenta a tudo e a recordar o tempo em que era humana.

“Um nome pode ser uma condenação. Alguns arrastam o nomeado, como as águas lamacentas de um rio após as grandes chuvadas, e, por mais que este resista, impõem-lhe um destino. Outros, pelo contrário, são como máscaras: escondem, iludem. A maioria, evidentemente, não tem poder algum. Recordo sem prazer, sem dor também, o meu nome humano. Não lhe sinto a falta. Não era eu.”

O livro, apesar de sua aparência fantasiosa, constrói um relato bem acabado das questões históricas referentes ao povo angolano, desde sua emancipação de Portugal, na década de 70 do século XX.

Caracterização

A estrutura do romance é formada por capítulos curtos. Isto é ótimo. Caso o livro não lhe agrade, pelo menos você tem coragem de ir até o final e acrescentá-lo na sua lista de livros lidos. Mas não é o caso de "O Vendedor de Passados".

No livro também surge um tema caro à literatura universal: a meta-literatura. Por exemplo, contar a história de um escritor. Meta-literatura um tanto alterada em "O Vendedor de Passados", é verdade, porém presente. O ofício de criar histórias e personagens de Félix Ventura para seus clientes é em muito similar ao de um escritor.

O tema recorrente de Agualusa está presente também nesse romance: a história de Angola, sua herança de Portugal e a relações existentes entre todos os países ligados por esse idioma comum, a língua portuguesa.

O autor, por ter morado no Brasil decora sua história com fontes de citações, intertextos e afins extraídos de autores e compositores brasileiros, portugueses e angolanos. Sua compreensão e literatura conseguem passear de maneira extremamente eficaz pelos mais diversos elementos formadores dessas culturas.

Outro ponto a se ressaltar é a possibilidade da leitura de um texto em língua original e não brasileiro. E ele ainda estar em português. Sempre se perde muito na tradução de uma obra. Ao poder contemplá-la no original temos acesso a todos os recursos que o escritor dispôs sem intermediários. Nossa interpretação é a primeira a partir do autor.

Temos nessa obra um panorama da cultura angolana e uma crítica a sua sociedade. E também podemos perceber como esse panorama parece com o Brasil e quanto dessa crítica também nos cabe.

Enredo

Nesta história, um albino morador de Luanda, capital de Angola, elabora árvores genealógicas em troca de pagamento. Uma atividade um tanto quanto estranha exercida por um esquisito personagem principal - o vendedor de passados falsos, chamado Félix Ventura e uma lagartixa que, na verdade comanda toda a narrativa.

Esta, uma osga, espécie de lagartixa, vai contar como um negro albino, Félix Ventura, fabrica histórias de vida para seus clientes, ou seja, cria uma genealogia de luxo para quem o contrata.

São prósperos empresários, políticos e generais da emergente burguesia angolana que têm um presente e um futuro próspero, mas falta-lhes um passado que não seja comprometedor. E arquitetar esse passado é uma empreitada no qual, o personagem principal Felix se encarrega.

Dois seres, um albino e uma osga (lagartixa), vivem à sombra e compartilham vivências, sonhos e criações. A osga busca na sua pretérita vida humana, vestígios de outra reencarnação, a fim de compreender suas emoções e reconhecer os vestígios literários e a sua aguçada percepção.

A Osga tem um nome. É chamada de Eulálio por Félix, o homem que vende os passados. E é ela quem vai narrando a história.

O albino, Félix Ventura, busca a realização de um presente para si alicerçado nos alfarrábios que lhe serviram de berço.

A relação da osga (Eulálio) com a sua casa é visceral. A osga percebe sua respiração, penetra-a em busca do útero "O corredor é um túnel fundo, úmido e escuro, que permite o acesso ao quarto de dormir..." A casa é o seu universo possível e seguro, distante dos campos minados de Angola, onde são revelados os segredos e fantasias que criam o presente para os que buscam novos passados. Também é o ambiente protegido para o resgate da vida de Eulálio, um ser comum que viveu quase um século na pele de homem sem se sentir inteiramente humano e que agora se lamenta desses quinze anos com a alma presa ao corpo de lagartixa.

Felix está muito bem nessa empreitada, leva uma vida razoavelmente confortável até que uma noite essa rotina é rompida com a chegada de um estrangeiro, fotógrafo de guerra, que quer um passado completamente novo. De preferência que seja uma identidade angolana. Com o nome recente, José Buchmann, e uma fajuta e fabulosa árvore genealógica, passa a buscar os personagens a fim de confirmar sua existência fictícia.

José Buchmann procura o seu passado e, à medida que vai sendo criado por Félix Ventura, o encontro com algumas situações surpreendem com a possibilidade da coincidência com o absurdo.

A busca de sua suposta mãe, a aquarelista norte-americana Eva Mullher, a narrativa do corredor cheio de espelhos e de sua povoada solidão no apartamento em Nova Iorque, a aquarela encontrada e o anúncio de sua morte na Cidade do Cabo, tudo vai colorindo e recheando essa nova identidade.

Entre uma venda de passado e suas implicações, são apresentados os problemas de uma osga (fugir de lacraus, e refrescar-se do calor) e seus sonhos. E temos ainda que contornar o problema de um narrador animal que age como um ser humano sem uma nítida compreensão animal do mundo.

A lucidez da osga é admirável: "A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável. Está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre."

Sua mãe, de Eulálio, aparece em seus sonhos (memórias da vida humana), fala sobre a realidade e o sonho e aconselha. Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem a dor verídica de tudo que realmente existe. Entre a vida e os livros, meu filho, escolha os livros.

Outra passagem interessante e que nos chamam a atenção: os inúmeros seres que precisam de uma trajetória para legitimar as máscaras que vestem demonstram como os personagens históricos são imortalizados com passados maquiados, enfeitados de fatos falsos, numa ficção memorialista.

Numa das biografias forjadas, Félix se destaca ao criar para um de seus clientes um livro de memórias de um Ministro (A vida verdadeira de um combatente), que credita a este cliente, homem público, um conjunto de fatos notáveis para confirmar o personagem idealizado e contextualizado com as suas pretensões futuras.

Contudo, o aparecimento do mendigo Edmundo Barata dos Reis, comunista assumido, ex-agente e ex-gente nas palavras do próprio, cria novos rumos para a narrativa.

Os personagens e seus duplos convergirão para um desfecho inusitado, consagrando a narrativa vertiginosa e poética de José Eduardo Agualusa.

Temos também, para complementar, uma trama de amor: Félix Ventura, vendedor de passados, apaixonou-se por Ângela Lúcia, mulher que gosta de fotografar nuvens.

Trecho do livro

Félix Ventura estuda os jornais enquanto janta, folheia-os atentamente, e se algum artigo lhe interessa assinala-o a tinta lilás com uma caneta. Termina de comer e então o recorta com cuidado e guarda-o num arquivo. Numa das prateleiras da biblioteca há dezenas destes arquivos. Numa outra dormem centenas de cassetes de vídeo. Félix gosta de gravar noticiários, acontecimentos políticos importantes, tudo o que lhe possa ser útil um dia. As cassetes estão ordenadas por ordem alfabética, segundo o nome da personalidade ou do acontecimento a que se referem. O jantar dele resume-se a uma tigela de caldo verde, especialidade da Velha Esperança, a um chá de menta, a uma grossa fatia de papaia, temperada com limão e uma gota

de vinho do porto. No quarto, antes de se deitar, veste o pijama com tal formalidade que eu fico sempre à espera de o ver atar ao pescoço uma gravata escura. Esta noite o estrídulo da campainha interrompeu-lhe a sopa. Isso o irritou. Dobrou o jornal, levantou-se com esforço e foi abrir a porta. Vi entrar um homem alto, distinto, nariz adunco, as maçãs do rosto salientes, bigode farto, curvo e lustroso, como não se usa há mais de um século. Os olhos, pequenos e brilhantes, pareciam apoderar-se de todas as coisas. Vestia um fato azul, de corte antiquado que, no entanto, lhe ficava bem, e segurava na mão esquerda uma pasta em cabedal. A sala ficou mais escura. Foi como se a noite, ou alguma coisa ainda mais enlutada do que a noite, tivesse entrado juntamente com ele. Mostrou um cartão de visitas. Leu alto:

"Félix Ventura. Assegure aos seus filhos um passado melhor". Riu-se. Um riso triste, mas simpático: "É o senhor, presumo? Um amigo deu-me este cartão."

Não consegui pelo sotaque adivinhar-lhe a origem. O homem falava docemente, com uma soma de pronúncias diversas, uma sutil aspereza eslava, temperada pelo suave mel do português do Brasil. Félix Ventura recuou:

"Quem é você?"

O estrangeiro fechou a porta. Passeou pela sala, as mãos cruzadas atrás das costas, detendo-se um largo momento em frente ao belo retrato a óleo de Frederick Douglass. Finalmente sentou-se numa das poltronas e com um gesto elegante convidou o albino a fazer o mesmo. Parecia ser ele o dono da casa. Amigos comuns, disse, e a voz fez-se ainda mais suave, tinham-lhe indicado aquele endereço. Haviam-lhe falado num homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína. Félix olhou-o desconfiado. Tudo no estranho o irritava – os modos doces e ao mesmo tempo autoritários, o discurso irônico, o bigode arcaico. Sentou-se num majestoso cadeirão de verga, no extremo oposto da sala, como se receasse ser contagiado pela delicadeza do outro.

"Posso saber quem é você?"

Também dessa vez não obtive resposta. O estrangeiro pediu licença para fumar. Tirou do bolso do casaco uma cigarreira de prata, abriu-a, e enrolou

um cigarro. Os seus olhos saltitavam de um lado para o outro, numa atenção distraída, como uma galinha ciscando entre a poeira. Deixou que o fumo se espalhasse e o cobrisse. Sorriu num inesperado fulgor:

"Mas diga-me, meu caro, quem são os seus clientes?"

Félix Ventura rendeu-se. Procurava-o, explicou, toda uma classe, a nova burguesia. Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, generais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo. Os empresários, os ministros, gostariam de ter como tias aquelas senhoras, prosseguiu, apontando os retratos nas paredes – velhas donas de panos, legítimas bessanganas –, gostariam de ter um avô com o porte ilustre de um Machado de Assis, de um Cruz e Sousa, de um Alexandre Dumas, e ele vende-lhes esse sonho singelo.

"Perfeito, perfeito." O estrangeiro alisou o bigode. "Foi isso que me disseram. Eu preciso dos seus serviços. Receio, aliás, que lhe vá dar bastante trabalho."

"O trabalho liberta", murmurou Félix. Disse-o talvez para provocar, para testar a identidade do intruso, mas se era essa a intenção falhou, pois este se limitou a fazer com a cabeça um gesto de assentimento. O albino levantou-se e desapareceu na direção da cozinha. Voltou pouco depois segurando com ambas as mãos uma garrafa de bom tinto português. Mostrou-a ao estrangeiro. Ofereceu-lhe uma taça. Perguntou:

"Posso saber o seu nome?"

O estrangeiro estudou o vinho contra a luz do candeeiro. Baixou as pálpebras e bebeu devagar, atento, feliz, como quem segue o vôo de uma fuga de Bach. Pousou o copo numa pequena mesa, mesmo à sua frente, um móvel em mogno, com tampo de vidro; finalmente endireitou-se e respondeu:

"Tive muitos nomes, mas quero esquecê-los a todos. Prefiro que seja você a batizar-me."

Félix insistiu. Precisava saber, no mínimo, em que se ocupavam os seus clientes. O estrangeiro ergueu a mão direita, uma mão larga, de dedos compridos e ossudos, numa vaga recusa. Depois a baixou e suspirou:

"Tem razão. Sou repórter fotográfico. Recolho imagens de guerras, da fome e dos seus fantasmas, de desastres naturais, de grandes desgraças. Pense em mim como uma testemunha."

Explicou que pretendia fixar-se no país. Queria mais do que um passado decente, do que uma família numerosa, tios e tias, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, avós e avôs, inclusive duas ou três bessanganas, embora já todos mortos, naturalmente, ou a viverem no exílio, queria mais do que retratos e relatos. Precisava de um novo nome, e de documentos nacionais, autênticos, que dessem testemunho dessa identidade. O albino ouvia-o aterrado:

"Não!", conseguiu dizer. "Isso eu não faço. Fabrico sonhos, não sou um falsário... Além disso, permita-me a franqueza, seria difícil inventar para o senhor toda uma genealogia africana."

"Essa agora! E porquê?!..."

"Bem... O cavalheiro é branco!"

"E então?! Você é mais branco do que eu!..."

"Branco, eu?!", o albino engasgou-se. Tirou um lenço do bolso e enxugou a testa: "Não, não! Sou negro. Sou negro puro. Sou um autóctone. Não está a ver que sou negro?..."

Eu, que permanecera o tempo todo no meu lugar habitual, junto à janela, não consegui evitar uma gargalhada. O estrangeiro ergueu o rosto como se farejasse o ar. Tenso, alerta:

"Ouviu isto? Quem se riu?"

"Ninguém", respondeu o albino, e apontou para mim: "Foi a osga."

O homem levantou-se. Vi-o aproximar-se e senti que os olhos dele me atravessavam. Era como se olhasse diretamente para a minha alma (a minha velha alma). Abanou a cabeça num silêncio perplexo:

"Sabe o que é isto?"

"Como?!"

"É uma osga, sim, mas de uma espécie muito rara. Está a ver estas listras? Trata-se de uma osga-tigre, ou osga tigrada, um animal tímido, ainda pouco estudado. Os primeiros exemplares foram descobertos há meia dúzia de anos na Namíbia. Acredita-se que possam viver duas décadas, talvez mais. O riso impressiona. Não lhe parece um riso humano?"

Félix concordou. Sim, ao princípio também ele ficara perturbado. Depois consultara alguns livros sobre répteis, encontrara-os ali mesmo, em casa, tinha livros sobre tudo, milhares deles, herdara-os do pai adotivo, um alfarrabista que trocara Luanda por Lisboa poucos meses após a independência, e descobrira que certas espécies de osgas podem produzir sons fortes, semelhantes a gargalhadas. Ficaram um bom tempo discutindo sobre mim, o que me incomodou, porque o faziam como se eu não estivesse presente. Ao mesmo tempo sentia que falavam não de mim, mas de um ser alienígena, de uma vaga e remota anomalia biológica. Os homens ignoram quase tudo sobre os pequenos seres com os quais partilham o lar. Ratos, morcegos, baratas, formigas, ácaros, pulgas, moscas, mosquitos, aranhas, minhocas, traças, térmitas, percevejos, bichos do arroz, caracóis, escaravelhos. Decidi que o melhor seria fazer-me à vida. Àquela hora o quarto do albino encheu-se de mosquitos e eu começava a sentir fome. O estrangeiro levantou-se, foi até à cadeira onde pousara a pasta, abriu-a e tirou lá de dentro um envelope grosso. Entregou-o a Félix, despediu-se dele e avançou para a porta. Ele próprio a abriu. Acenou com a cabeça e desapareceu.